

“ABRINDO A CAIXA DE PANDORA”: APROPRIAÇÕES DA NOSOLOGIA HIPOCRÁTICA NA REPRESENTAÇÃO DA DOENÇA NA ESCRITA DE HERÓDOTO

Juliane Vieira Câmara¹
Marinalva Vilar de Lima²

Resumo: Reconhecendo os bárbaros como dotados de outros *nómoi*, Heródoto cultua as diferenças culturais entre povos, fundamentando suas proposições com dados colhidos, que molda, aperfeiçoa e recria. Diante de tal pensamento, pretendemos demonstrar através de nossas investigações, como Heródoto apropria-se dos preceitos nosológicos contidos no *Corpus Hippocraticum*, referentes à compreensão que se tinha na Grécia em relação ao conceito e significado do binômio saúde-doença, tentando fazer perceber como estes entendiam e tratavam suas doenças. Explicando por meio de uma espécie de retórica da alteridade como Heródoto da à forma ao tema doenças, para então representar o outro, ou seja, os ditos povos “bárbaros” através da apresentação dos seus costumes ao longo de sua narrativa.

Palavras-chave: Heródoto, Doenças, *Corpus Hippocraticum*, Retórica da Alteridade.

Abstract: Recognizing the barbarians as endowed of other *nómoi*, Herodotus worships the cultural differences between folk, basing his propositions with collected data, that forms, molds, improves and recreates. Faced to such thinking, we intend to demonstrate through our investigations, how Herodotus appropriates the nosologic precepts contained in the *Corpus Hippocraticum*, about the understanding which Greeks had in relation to the concept and meaning of health-disease, trying to make clear how they understood and treated their illnesses. Explaining through a kind of rhetoric of alterity how Herodotus shapes the disease issue, then to represent the other, in other words, the called "barbarians" by submitting their costumes throughout his narrative.

Keywords: Herodotus, Disease, *Corpus Hippocraticum*, Rhetoric of Alterity

Antes de facto habitava sobre a terra a raça dos homens, a resguardo de males, sem a penosa fadiga e sem dolorosas doenças que aos homens trazem a morte. Mas a mulher levanta com a mão a grande tampa da jarra, e dispersou-os e ocasionou aos mortais penosas fadigas. (Mito da caixa de pandora) (Hesíodo, Teogonia 521-564, Apud Ferreira, 2008, p.28).

¹ Juliane Vieira Câmara, graduada em licenciatura e bacharelado em História pela Universidade Federal de Campina Grande- UFCG. E-mail: julianeveiracamara@hotmail.com

² Marinalva Vilar de Lima, professora das áreas de História antiga e medieval da UAHis da UFCG; Doutora e Pós-Doutora em História Social pela USP; Professora do PPGH UFCG. Email: iranlima@ig.com.br

Cientes das inúmeras posições que Heródoto e sua obra assumiram no decurso das produções do saber no mundo ocidental, nos lançamos na tarefa de percorrer as peculiaridades de suas *Histórias*, focalizando as articulações que estabelece sobre a saúde e a doença entre os gregos. Temática com que produzimos o percurso de leitura da escrita herodotiana, que ao estilo de uma “caixa de pandora” se configura pela multiplicidade de registros mimetizadores de *logoi* das sociedades antigas que seleciona para que o tempo não os lance na inacessibilidade.

Sabemos também que Heródoto dedicou à maior parte de sua vida a obra, e que nela expõe a intenção de evitar que os feitos das gerações que o precederam fossem relegados ao esquecimento, explicando-os com o objetivo de registrar as causas e razões que levaram ao início das chamadas Guerras Médicas, combinando magistralmente a arte da narração com a ciência de suas investigações e inaugurando assim uma nova arte, baseada na indagação do que seria a verdade.

Assim ao pensarmos as *Histórias* enquanto produto de um tempo e de um lugar que se inscreve ganhando espaço e novos caminhos na medida em que Heródoto arquitetadamente conduz sua narrativa, se faz necessário buscar perceber as singularidades, ou seja, o que há de específico na obra.

Com efeito, é tão somente pelo fato de sua obra não abordar unicamente as causas da guerra, e sim se concretizar em uma narrativa extremamente elaborada e cheia de anedotas e digressões alternadas sobre impressões entre costumes, lendas e aspectos políticos, culturais, sociais e religiosos tanto dos gregos quanto dos “bárbaros”, que analisaremos a obra primando pelos relatos em que este narra sobre as doenças apresentando-a sobre diversos aspectos e situações.

Portanto, estarmos sensíveis a esse mundo grego que se faz perceber em meio à linguagem usada por Heródoto e expressada por essas considerações, é que se pode apresentar ao leitor o tema que foi perseguido no decorrer das páginas que se seguem. A trilha que percorremos se impõe como centro de nossa narrativa, ainda que estejamos conscientes de que muitos outros caminhos são traçados nas *Histórias* e que estes permitem pensar uma variegada quantidade de dimensões da vida dos gregos e bárbaros, personificados por nosso autor. Consideração que facilita o fato de, ao tratarmos pontualmente da saúde e da doença, também se fez necessário realizar outros percursos que contribuíssem para melhor “traçar” a trilha por nós selecionada.

Desta forma, para os fins deste artigo, o dividimos em dois subtópicos intitulados: 1. *O conceito de saúde entre os gregos nas linhas do texto herodotiano* e 2. *A*

nosologia hipocrática na narrativa de Heródoto, estando este segundo desmembrado em um subitem que nos permitiram sistematizar ideias pontuais em nível mais aprofundado. Assim nomeado: (2.1) *Das Águas, dos Ares e dos Lugares: um diálogo com Euterpe*.

1. O conceito de saúde entre os gregos nas linhas do texto herodotiano:

Ao mesmo tempo em que se põe a *falar o outro* e o particular, a história não pode escapar aos limites da tradução: “o fazer ver” funda-se necessariamente como apresentação narrativa elaborada segundo o juízo de quem tece o *texto-história*. (TEIXEIRA, 2003, p.1).

É “o fazer ver”, antes de tudo, prática que se dá a partir do narrador que investe naquilo que seleciona para narrar, estabelecendo o limite da tradução do acontecimento enquanto ação perpassada pela subjetividade, conforme enfatiza Teixeira. Considerando tal pensamento procuramos demonstrar, através de nossas análises das *Histórias*, como Heródoto apropria-se dos preceitos nosológicos contidos no *Corpus Hipocraticum*, referentes à compreensão que se tinha na Grécia em relação ao conceito e significado do binômio saúde-doença³, tentando fazer perceber como estes entendiam e tratavam suas doenças.

A partir de uma espécie de *retórica da alteridade* procuramos explicar como Heródoto dá forma ao tema das doenças, para então representar o outro, ou seja, os ditos povos “bárbaros” através da apresentação dos seus costumes ao longo de sua narrativa.

A princípio, para melhor nos guiarmos, levamos em consideração as ideias do historiador Francês François Hartog, explanadas em seu livro *O espelho de Heródoto* (1999), relativas às formas de representações do outro. Obra em que o autor apresenta as condições e possibilidades de enunciação dadas a um sujeito, através de uma análise da retórica da alteridade.

Portanto, a enunciação, pode ser entendida como uma das formas de representação a partir da qual um sujeito estabelece dizibilidade ao outro narrado e se faz compreensível ao outro para quem narra. Exercício que se imprime através de seu dizer, que subentende o aguçar da escuta para os efeitos que sua narrativa provocará no outro, haja vista ser o texto idealizador do destinatário que o recepcionará. Onde

³ Esse conceito relativamente restrito, dominante em várias culturas da Antigüidade, esteve presente também na mais antiga cultura letrada da Europa, a dos antigos gregos. O binômio “saúde = ausência de doença” aparece nos fragmentos dos filósofos pré-socráticos Empédocles de Acragás, Alcmeon de Crotona e Diógenes de Apolônia, todos eles ligados de alguma forma à medicina, e nos textos médicos da coleção hipocrática. (RIBEIRO, 2007pp. 02)

resulta que a prática de narrar evidencia uma leitura que a precede, supondo um outro que é presença sinestésica no discurso em elaboração. Tal é a condição da alteridade: supor um saber no outro para que possa escutar e ler o seu dizer. (BRAUNER, 2005, p.128).

Sendo assim, observamos a narrativa elaborada por Heródoto, referente tanto a doença de Aliates, pai do Rei Lídio Cresos, quanto do caso dos Citas, onde veremos como este descreve as causas da doença do bárbaro, explicando – a ao modo tipicamente grego, atribuindo uma ideia mágico- religiosa às causas da doença e, entendendo-a, como sendo sinal da desobediência a um mandamento divino. Assim narra:

No duodécimo ano, quando o exercito lídio estava incendiando as searas, aconteceu o seguinte fato: o fogo ateado às searas e soprado por um vento forte atingiu o templo de Atenas chamada Assesos, queimando-o totalmente. No entanto isso não foi levado em conta, mas em seguida, após o retorno do exercito a Sárdis, Aliates adoeceu. Como sua doença se prolongava demasiadamente, ele mandou consultar o Oráculo em Delfos, seja a conselho de alguém, seja por seu próprio desejo, para interrogar o deus a propósito de sua doença, quando os mensageiros chegaram a Delfos a pítia recusou-se a responder-lhe até que fosse restaurado o templo de Atena em Assesos, em território milésio, que os lídios haviam incendiado⁴.

A este respeito, Heródoto se refere à enfermidade de Aliates, que padecido por uma enfermidade crônica decide consultar os deuses através do Oráculo de Delfos, obtendo como resposta da pítia para sua consulta que sua enfermidade havia sido causada por ele haver queimado o templo da deusa Atenas.

É a resposta oracular movimentadora das ações de Aliates que são mimetizadas na escritura de Heródoto. O consulente tem diante de si orientações para se conduzir de modo a reconquistar sua saúde. A pítia, assim como fica claro na citação acima, o alerta para o fato de que só receberá a cura para sua doença se o templo de Atenas em Assesos for restaurado. O relato de Heródoto enfatiza que Aliates, em consequência do que dispôs o oráculo, veio a construir não só um, mas sim dois templos para a deusa. Portanto, é a recuperação de Aliates promovida a partir da restauração da relação de homenagem com a Deusa que, uma vez tendo a (re)entronização física de seu culto, atua de modo a que aquele se recupere de sua doença.

Neste aspecto, cabe destacar que Heródoto, como um homem de seu tempo e lugar, mesmo narrando a doença do bárbaro acaba empenhando-se, como diz Hartog

⁴ HERÓDOTOS. *Histórias*, op.cit. LIVRO I, cap. 19, p. 24.

(1999), em traduzir o outro através de si. Acabando, assim, por descrever uma das características do modelo mágico-religioso do processo saúde-doença que imperava no mundo helênico dos primórdios da doutrina médica, que ainda estava por se formar. O modelo mágico-religioso se define a partir da aceitação do papel dos deuses em determinar o futuro dos homens, sendo esta base de orientação que vai fazer com que acreditem serem os deuses que promovem tanto as enfermidades, quanto a saúde.

Como dito, ainda durante o livro I (Clio) das *Histórias* encontramos outro exemplo onde se reflete a mesma ideia em que se orienta a narrativa sobre Aliates. Neste, ao narrar sobre como o povo Cita marchou contra o Egito, Heródoto menciona a “doença feminina” que acometeu os descendentes dos soldados citas, conhecidos posteriormente como enárees⁵. Então vejamos:

De lá os citas marcharam contra o Egito. Quando eles já estavam na parte da Síria chamada Palestina, Psaméticos, rei do Egito, veio ao seu encontro e os persuadiu com presentes e suplicas a não ir adiante. Então eles voltaram, e ao chegar em sua marcha a cidade de Áscalon na Síria, os citas em sua maioria passaram adiante sem fazer qualquer mal, mas alguns deles ficaram para trás e saquearam o templo de Afrodite Celeste. Esse templo, de acordo com o que fiquei sabendo por informações ouvidas, é o mais antigo de todos os templos dessa deusa, pois o templo em Chipre deriva dele, segundo dizem os próprios círios; e o templo de Citera foi fundado por fenícios oriundos dessa Síria. Mas os citas saquearam o templo em Áscalon e todos os seus descendentes daí em diante, foram castigados pela deusa com a “doença feminina”; os próprios citas vêm nesse sacrilégio a origem de seu mal, e os viajantes que passam pelo território cita podem verificar por si mesmos as condições características de tais homens, chamados pelos citas de enárees⁶.

Desta forma, segundo Moacyr Scliar, entendemos que o conceito de saúde reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural. Dito isto, ele argumenta que a saúde representa a mesma coisa para todas as pessoas. Mas que, no entanto, dependerá da época, do lugar e da classe social, bem como, também, dependerá de valores individuais, concepções científicas, religiosas e filosóficas. (SCLIAR, 2007, p.30).

Do contrário pode se pensar o mesmo sobre as doenças. Contudo, aquilo que é considerado doença pode variar muito. Na Grécia Antiga, por exemplo, é preciso ressaltar que antes do século V a. C. tanto as doenças, como a prática da medicina estava diretamente relacionada com a religiosidade e suas práticas.

⁵ Na nota 69 da tradução de Mario da Gama Kury tem se a seguinte explicação para este termo: “Os enárees, ou efeminados, chamados de andróginos no capítulo 67 do livro IV, são mencionados também por Hipócrates, *Das Águas, dos Ares e dos Lugares*, 22(ele os chama de *anárieis*), e por Aristóteles, *Ética a Nicômacos*, 1150 b 15”. (KURY, 1985, p.494).

⁶ HERÓDOTOS. *Histórias*, op.cit. LIVRO I, cap. 105, p. 54.

Os conhecimentos sobre as práticas e conceitos se apresentavam de forma fragmentada e difusa, constituindo-se em um conjunto nebuloso de empirismo e magia em que os deuses olímpicos eram os protagonistas e donos do destino humano. Na mitologia grega, várias divindades estavam vinculadas a saúde, assim os gregos cultuavam, além da divindade da medicina, Asclepius, ou Aesculapius⁷ duas outras deusas, Higiéia, a Saúde, e Panacea, a Cura.

Scliar (2007) explica que Higiéia era uma das manifestações de Athena, a deusa da razão, e o seu culto, como sugere o nome, representava uma valorização das práticas higiênicas. E que, por sua vez, Panaceia representava a ideia de que tudo podia ser curado, mostrando assim a constituição de uma crença basicamente mágica ou religiosa. No entanto, enfatiza que devemos levar em consideração que para os gregos a cura poderia também ser obtida pelo uso das plantas e de métodos naturais, e não apenas por procedimentos ritualísticos.

Sabemos que a história da Grécia antiga é dividida pelos historiadores modernos, em quatro períodos: Arcaico, Clássico, Helenístico-Macedônico e Helenístico-Romano, mas que os dois primeiros foram os mais importantes para a medicina. Dito isto, no início do período arcaico, os gregos, provavelmente, cuidavam dos doentes com métodos religiosos, na crença de que a doença e a saúde eram responsabilidades dos deuses. Acreditavam que o que mantinha vivo o organismo era a “energia vital”, presente em todas as partes dele, e que essa era mantida por fatores absorvidos do exterior, ou seja, por alimentos, bebida e ar (BARBOSA,2007,p. 117).

Posteriormente, eles acreditavam que os componentes do Universo (a água, a terra, o fogo e o ar) e, portanto, o próprio organismo, era responsável pelas características deste, e que suas variações quantitativas representavam o “equilíbrio” e o “desequilíbrio”: a saúde e a doença, respectivamente⁸.

Como vemos, a concepção mágico-religiosa partia, e parte, do princípio de que a doença resulta da ação de forças alheias ao organismo que neste se introduzem por causa do pecado ou de uma maldição.

Assim, percebemos que a medicina grega representa uma importante inflexão na maneira de como se encarar a doença. E que, essa visão religiosa, acaba por antecipar a

⁷ Deus mencionado como figura histórica na *Ilíada*. (SCLIAR, 2007, p. 32)

⁸ Como bem enfatiza Wilson Ribeiro, já antes dos filósofos pré-socráticos e dos médicos hipocráticos, entre a segunda metade do século VIII a. C., observações ocasionais de autores leigos sugerem que já se pensava na saúde como algo que transcendia a simples ausência de doença (RIBEIRO, 2007, p. 2).

entrada em cena de um importante personagem, ou seja, o pai da medicina, Hipócrates de Cós.

Adiante observaremos como surgiram os preceitos nosológicos contidos nos textos médicos atribuídos a Hipócrates chamado de *Corpus Hipocraticum*, e como suas ideias aparecem atreladas ao texto apresentado por Heródoto.

2. A nosologia hipocrática na narrativa de Heródoto

Com efeito, é só durante o século V a. C. que os conhecimentos científicos e filosóficos atingem sua maior efervescência, aonde os únicos conhecimentos sobre este período da história com relação às enfermidades e práticas médicas só chegam até nós através dos relatos e descrições dos autores clássicos tais como Homero, Plínio, Tucídides e o próprio Heródoto. É neste período que surge com o aparecimento dos filósofos – médicos, um novo pensamento (filosófico – naturalista), que, nos séculos seguintes, viriam a criar as escolas e produzir os textos médicos clássicos, conhecidos hoje como “*Corpus Hipocraticum*”.

É também no período Clássico que surge entre os filósofos gregos, a convicção de que a natureza humana não era exclusivamente dependente dos deuses e que, por esse motivo, era fundamental o conhecimento da essência natural do homem (BARBOSA, 2007, p.118). Portanto, concluímos que os antigos gregos, embora caracterizasse primeiramente a saúde como ausência de doenças, estes já intuía, de modo independente e não sistematizado, que para se ter saúde era importante não só a falta de doenças, mas, o equilíbrio físico e mental, bem como também o bem-estar social.

Imbuídos de tal pensamento somos levados a ver que se faz necessário tratarmos do estudo da nosologia apresentada em alguns destes tratados, para assim estabelecermos o ponto em que estes dialogam com o texto herodotiano, no que diz respeito ao entendimento que os gregos tinham sobre as doenças.

Partindo ou não de Hipócrates o fato é que por volta de 500 a.C., os médicos gregos já haviam começado a dissociar a medicina das práticas mágico-religiosas dos séculos anteriores. E na época de Hipócrates, sem abandonar o conhecimento empírico herdado de seus antecessores, trouxeram progressivamente à medicina especulações teóricas e procedimentos baseados na observação rigorosa do doente e da doença, na busca incessante de explicações racionais para a doença e de instrumentos eficazes para

o tratamento do doente. Assim, grande parte da técnica especulativa e argumentativa por eles empregada e refletida na literatura médica que chegou até nós, fora aprendida dos filósofos pré-socráticos. E, em contrapartida, muitos filósofos incorporaram conceitos de fisiologia e medicina aos seus sistemas filosóficos, como por exemplo, o pitagórico Filolau de Crotona, contemporâneo de Sócrates (SCHOFIELD, 1993; LONGRIGG, 1993, Apud RIBEIRO, 2005, p.12).

A saber, para o próximo tópico, faremos uso somente do tratado intitulado *Ares, Águas, Lugares*.

2.1 Das *Águas, dos Ares e dos Lugares*: um diálogo com Euterpe.

É preciso abandonar a ideia de que Hipócrates retirou a medicina das mãos dos sacerdotes, dos curandeiros [*guérisseurs*] e dos charlatães. Uma medicina que se apoia sobre observações e raciocínios existe *paralelamente* a uma medicina mágico-religiosa muito antes de Hipócrates. (PELLEGRIN, *Art médical*, 1994, p.20; Apud, RIBEIRO, 2005, p.31).

Sendo assim, acreditamos não ser preciso abandonar às ideias anteriores, que prefiguravam o saber mágico-religioso difundido anteriormente no contexto grego, no qual se pensava e compreendia as doenças como sendo causadas pela vontade e intervenção dos deuses. Pois assim como o argumento citado está para Hipócrates, também está este para Heródoto. No sentido em que observando a relação que se é estabelecida concernente ao pensar grego sobre as doenças, coexiste e transita entre os dois saberes, tanto o mágico-religioso quanto o filosófico-naturalista que compõe o *corpus* hipocrático, convivem harmoniosamente ao longo dos seus livros e de sua narrativa.

Neste contexto, Frias relata que o tratado hipocrático *Ares, águas, lugares*, foi escrito na segunda metade do século V a.C.. Afirma que segundo a tradição erudita, este é um escrito da “escola” de Cós, o que, por sua vez, o faz ser relacionado a Hipócrates. Continua dizendo que em um certo momento da vida médica de Hipócrates, este deixa Cós e se instala na Tessália, e diz que este assim o fez por estar motivado pelo interesse em estudar como os fatores ambientais exercem influência sobre os estados de saúde e doença, observados em outras regiões da Grécia (FRIAS, 2005, p. 63).

Com efeito, *Ares, Águas, Lugares* é um escrito dirigido ao médico viajante que, ao deslocar-se de uma cidade a outra, defronta-se com diferentes “constituições

climáticas” e com povos de naturezas diversas. Nele, então, o autor passa a expor os diversos fatores externos que devem ser identificados pelo médico ao chegar a uma cidade; dentre eles a natureza dos ventos, das águas, do solo e o tipo de regime alimentar seguido pelos habitantes. Acrescenta que à medida que sua observação for avançando e este conhecendo as mudanças de estações, bem como o movimento dos astros, ele será capaz de elaborar a constituição sanitária anual, resultando assim na previsão das doenças locais (dependentes das peculiaridades de cada região) e das doenças gerais, por sua vez atribuídas as mudanças das estações (FRIAS, 2005, p.64).

Dito isto, partiremos para o *logos* que trata sobre o Egito, contido agora no Livro II das *Histórias* intitulado Euterpe, onde poderemos observar como este novo saber médico vai sendo apropriado à narrativa empreendida por Heródoto no que se refere à saúde dos egípcios. Então vejamos:

Quanto aos próprios egípcios, os habitantes das regiões onde a terra é semeada são os mais cuidadosos de todos os homens com a preservação da memória do passado; eles são os mais instruídos a esse respeito entre todos os egípcios que pude interrogar. O gênero de vida é o seguinte: durante três dias seguidos em cada mês eles tomam purgativos e procuram preservar a saúde mediante o uso de eméticos e clisteres, pois pensam que todas as doenças chegam aos homens através dos alimentos por eles ingeridos. Os egípcios, aliás, são depois dos lídios os mais saudáveis entre todos os homens, a razão disso em minha opinião, é que o clima de seu território é o mesmo em todas as estações do ano, com efeito, as mudanças são a causa principal das doenças dos homens, principalmente as mudanças de estações. Eles comem um pão feito de cevada, pois não tem vinhas em seu território. Eles comem alguns peixes crus, secos ao sol ou conservados em salmoura. As codornas, os patos e pequenas aves são salgados e comidas cruas, as outras aves e os peixes (à exceção dos considerados sagrados) são comidos assados ou cozidos⁹.

Analisando então a citação acima, podemos notar o quanto esta abarca conceitos concernentes a nosologia do tratado hipocrático. Na descrição de Heródoto ficam claros todos os preceitos contidos no tratado hipocrático, a exemplo da preocupação com o descrever do clima enquanto sendo responsável por promover a saúde; da preocupação com cuidados alimentares que se liga ao preparo adequado dos alimentos que são apresentados como promotores da saúde; da descrição dos lugares para demonstração de uma topografia que em si é básica ao bem-estar; os usos e costumes que fomentam práticas que evidenciam cuidados com o corpo em sua mais ampla concepção, sendo investida, nesse pormenor uma orientação que, em muito, se aproxima do sanitarismo moderno, conforme é possível observar no trecho citado anteriormente.

⁹ HERÓDOTOS. *Histórias*, op.cit. LIVRO II, cap. 77, p. 112.

Neste quesito, Frias alerta que os tratados *Ares*, *Águas*, *Lugares* se divide em duas partes. Fala que, na primeira, o autor aponta os principais fatores que exercem influência sobre o estado sanitário de uma população. E que na segunda parte, faz uma comparação entre os asiáticos e os europeus, estabelecendo, pela primeira vez na história da cultura ocidental, a relação entre *phýsis* e *nómos*, entre natureza e cultura. Conclui que nos capítulos finais, o autor hipocrático, assim como um etnógrafo, descreve o povo cita que habitava o extremo norte do Mar Negro, mostrando as peculiaridades de sua natureza e cultura. Assim, a natureza é apresentada enquanto fundamental à constituição do indivíduo, tanto quanto a cultura que será desenvolvida em termos dos cuidados com o corpo.

Frias ainda afirma que a grande originalidade deste tratado está justamente nesta segunda parte, na qual o autor hipocrático, sem abandonar sua tese de que as influências dos fatores climáticos se refletem sobre os estados de saúde e de doença. E que vão mais além, passando assim a examinar a ação do ambiente físico sobre a interioridade do homem, bem como no seu caráter e virtudes. Nesta perspectiva, é a natureza um dos elementos que contribuem para a formação de características que vão se impor na personalidade do indivíduo.

Talvez isso explique a frase em que Heródoto nos diz que depois dos lídios os egípcios são os mais saudáveis entre todos os homens, enfatizando que a razão disso em sua opinião é atribuída ao fato de o clima de território ser o mesmo em todas as estações do ano. Pois, segundo ele, as mudanças climáticas são a causa principal das doenças dos homens, sobretudo pela mudança de estações.

Assim, fica claro que o argumento herodotiano assemelha-se ao do tratado hipocrático, onde a primeira recomendação é exatamente a observação de cada estação do ano, já que elas diferem muito entre si e, para os médicos hipocráticos, seus efeitos sobre os homens ocorrem devido as mudança ocasionadas na passagem de uma estação para a outra.

Pois, como nos explica Frias na primeira parte médica de *Ares*, *Águas*, *Lugares*, as doutrinas que são desenvolvidas pelo autor originam-se, como em outros tratados do *Corpus hippocraticum*, da relação estabelecida entre o Universo/macrocosmo e o microcosmo humano, ou seja, os ciclos fisiológicos são análogos aos ciclos existentes na natureza física, assim acentuando a importância, na medicina o conhecimento da astronomia, já que o interior do corpo sofre alterações em função das modificações do clima. (FRIAS, 2005, p.63-65).

Além do mais, nesta mesma citação Heródoto nos traz a atenção para os costumes dos egípcios em relação à preservação da saúde, bem como também descreve seus hábitos alimentares.

Convém então ressaltar que, é neste ponto que Henrique Cairus compara Heródoto e Hipócrates dizendo que além de ambos serem viajantes etnógrafos, ambos também se abrem para a alteridade, percebendo e estudando os *nómoi* (costumes).

Desta forma, Cairus nos explica que a dieta, entendida em seu sentido grego, é assim o modo de viver e instrumento que torna o *nómos* (costume) acessível ao médico viajante. Pois, o limite onde o médico opera é determinado através do *nómos*, onde este pode assim dizer, tanger ainda que limitadamente a natureza do indivíduo, o que por sua vez, é limitadamente influenciável pelo *nómos*.

Diante de tal pensamento, explica que a natureza do indivíduo é uma natureza muito mais próxima e humana do que a do entorno, que de fato é muito mais divina.

Assim, é apresentado no tratado por dois aspectos: o *éidos*, que é o que se pode apreender da natureza particular a partir da observação, e a *morphé*, que diz respeito à compleição do indivíduo, à sua constituição, sem considerar a observação. Explica que para lidar com o entorno, ou seja, os ventos, as águas, o solo é feito por meio da dieta. Sendo assim o entorno é imutável, portando, mais contornável. (CAIRUS, 2005, p.93).

Portanto o percurso que nós traçamos até a validação desta pesquisa seguiu, exigindo de nós desvios e silêncios nem sempre fáceis de serem efetuados, contudo a fim de não por em risco um descentramento exagerado no percurso escolhemos por nos manter estreitamente próximos de nosso objetivo e de nossa proposta metodológica que havíamos anunciado no prólogo de nosso trabalho, onde buscamos percorrer o interior das idéias elaboradas por Heródoto a respeito da doença como se deu a transição dos conceitos entendidos pelos gregos em relação às doenças, podendo perceber as rupturas estabelecidas entre o antigo modelo mágico – religioso e a vigente medicina hipocrática.

BIBLIOGRAFIA

HERÓDOTOS. *Histórias*. Trad.: Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UNB, 1985.

HERÓDOTOS. *Histórias*, Livro I. Trad.: José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Sousa e Silva. Edições 70, Lisboa, 2007a.

HERÓDOTOS. *Histórias*, Livro III. Trad.: Maria de Fátima Sousa e Silva e Cristina Abranches Guerreiro. Edições 70, Lisboa, 2007b.

HERODOTO. *Los nueve libros de La Historia*. Trad.: P. Barolomé Pou, Madrid: Edf, 1939.

HERÓDOTO. *História*. Trad.: Pierre Henri Larcher. Ed. eBooksBrasil – 2006. (Versão eletrônica acessada em 25/09/2011)

ANDRADE, Rômulo Henrique. *Narrativas Maravilhosas: Os seus usos nas histórias de Heródoto*. Graduação em História. Campina Grande: UFCG, 2008..

BARBOSA, Denise F. A medicina na Grécia Antiga. *Rev Med (São Paulo)*. 2007 abr.jun;86(2):117-9.

CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2005.

CAIRUS, Henrique F. “*A Fisiologia do Espírito na Grécia Antiga*”. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2005.

_____. *Delírio e epilepsia na Grécia Clássica*. Conferência proferida em 2000, no curso de Especialização em Psiquiatria da UERJ.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad.: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FEITOSA, João V. Gondin. “Rito e cura no culto de Asclépio no final do período clássico”. In: *NEARCO, Revista de Antiguidade.s/d*

FINLEY, M I. *Os gregos antigos*, trad.: Artur Mourão, Lisboa, edições 70, 1988. 178p.

FRIAS, Ivan. *Doença do corpo doença da alma: Medicina e filosofia na Grécia Clássica*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

JAEGER, Werner. “A medicina como Paidéia”. In: *Paidéia: a formação do homem grego*. Lisboa: Áster, 1967. p.1001-1059.

HARTOG, F. *O espelho de Heródoto: ensaios sobre a representação do outro*, trad.: Jacynto Lins Brandão, Belo Horizonte -MG: editora da UFMG, 1999. 474p.

ROMERO, Ramirez BJ, Lopez SR, Lepe LAK, Tapia PC, AV Jimenez. La Medicina em las culturas de La antiguidad. Analizando las Histórias de Heródoto. *Uma Med Assoc ABC Hosp Med* 2010, 55 (2)

_____. Contribuciones de Herodoto a la cirugía en el análisis historiográfico de sus Historias. *Ciruj Cir* 2004, 72 (6): 525-532.

SANTOS, Dominique V. Coelho. “A cerca do conceito de representação”. *Revista de Teoria da História* Ano 3, Número 6, dez/2011 Universidade Federal de Goiás.

SCLIAR, Moacyr. História do conceito de saúde. *Physis* [online]. 2007, vol.17, n.1, pp. 29-41. ISSN 0103-7331.

TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Representação Histórica: Retórica da Alteridade, Domesticação da Existência*. ANPUH-XXII Simpósio Nacional de História, João Pessoa, 2003.

URIEL, Pilar Fernández. “Males y remedios II. La evolución de La medicina em La história Del mundo Giego”. *Espacio, Tiempo y Forma*, Serie II, Historia Antigua, t. 9, 1996, págs. 195-219.

VERNANT, J - P. *As origens do pensamento grego*. Trad.: Ísis Borges B. da Fonseca, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

RIBEIRO, Wilson A. A ausência de doença e o conceito de saúde entre os gregos antigos. In: M.C.D Peixoto e G. Cornelli (org.), *Saúde do Homem e da Cidade na Antiguidade Greco-Romana*, Belo Horizonte e Brasília, UFMG e UNB, 2007.